

**black**

**box #1 =**

**= (cinco +  
+ dois)**

Fernando Sebastião

Hernâni Reis Baptista

José Oliveira

Mário Ferreira de Almeida

Nuno Cassola

Rita Faustino

Sara Klimsch

*“Since the beginning of the 1960s the international contemporary art scene has undergone a significant transformation. Artists have gravitated to a range of moving image practices and technologies, exchanging the white cube of the exhibition space for the black box of image projection. Given the pervasive convergence of art and moving images, the claim that we are now witnessing the “flowering” of cinematic and televisual forms in visual art, and that the practice or “medium” of film and video installation is now the dominant form of contemporary art is hardly surprising. In fact, in terms of visibility in large-scale exhibitions such as Documenta or the Venice Biennale, one may go so far as to say that large-scale cinematic modes of projection have quantitatively surpassed traditional mediums such as painting and sculpture – a situation that would have been unimaginable forty years ago.”*

As palavras de Tanya Leighton explicitam de forma clara uma situação que, de facto, se tornou banal nos nossos tempos. O proverbial atraso em que sempre nos encontramos determina, contudo, que os quarenta anos que a autora refere se transformem num número muito mais pequeno e materializem situações caricatas de ausência de contacto com esta realidade. Os últimos anos permitiram a introdução na Faculdade de possibilidades de estudo e investigação que admitiram a tentativa de acerto com o universo descrito pela autora inglesa, primeiro ao nível do segundo ciclo com o aparecimento do Mestrado em Práticas Artísticas Contemporâneas e depois com o Ramo multimédia (designação infeliz mas imposta externamente) da Licenciatura em artes plásticas. Os resultados já são visíveis em vários níveis de intervenção dos estudantes ou ex-estudantes dos referidos cursos.

A exposição que agora propomos quer imiscuir-se nesse universo “novo” e pela primeira vez somos confrontados com a transformação do white cube que realmente é a Galeria dos Leões numa black box desafiadora desse estatuto. A nossa opção foi realizada em torno de uma produção cada vez mais intensa e de qualidade que vemos crescer no espaço da faculdade: a realização videográfica. Quisemos, por isso, e dado ser a primeira vez que tal acontece nesta galeria, realizar uma apresentação colectiva e representativa dos dois ciclos que referimos: LAPMM e MPAC.

O formato escolhido é designado screening, quer dizer, uma sucessão contínua e em loop de trabalhos videográficos de sete estudantes/autores, cinco de Mestrado e dois da Licenciatura que, em nossa opinião, reflectem de forma muito clara as várias preocupações contemporâneas visíveis neste tipo de intervenções. São trabalhos que, naturalmente, possuem uma carga autoral que os diferencia uns dos outros e que, por isso mesmo, podem conviver saudavelmente numa sucessão.

Um dos maiores problemas com que se debatem os artistas que produzem vídeo tem a ver com a recepção por parte de um público pouco habituado a associar a temporalidade que é inerente a este medium à necessidade de um visionamento mais demorado. A curtíssima fracção de tempo que normalmente é gasta pelo espectador com o visionamento do vídeo é, de algum modo, um sinónimo da inadequação que ainda existe (um estudo universitário registou uma média de 22 segundos para o visionamento comum dos vídeos no museu). O desafio que esta exposição propõe é, também, nesse sentido de ordem pedagógica. A necessidade de uma boa meia-hora, pelo menos, para se ter uma ideia mais ou menos clara do que se está a ver potencia uma alteração nos hábitos de recepção. Se assim for ficaremos muito satisfeitos com a tripla aposta que realizamos: introduzir a black box como possibilidade finalmente possível na Galeria dos Leões, divulgar o trabalho de qualidade que está ser realizado no âmbito dos cursos que a Faculdade actualmente oferece e, finalmente, esse lado pedagógico a que fazíamos referência de uma habituação do público à temporalidade estendida das imagens movimento aqui presentes.

Ficamos, por isso, na expectativa.

Fernando José Pereira

Outubro 2011